
Questões Relativas à Retórica na Perspectiva da Semiótica Peirceana¹

Gilmar HERMES²

Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS

RESUMO

Este artigo parte de uma concepção da retórica como um processo de “identificação” e não à maneira em que é tradicionalmente definida dando relevância à “persuasão”, levando em conta os estudos semióticos de Charles Sanders Peirce. O texto apresenta referências históricas e características que dão atualidade à ciência da retórica, existente desde a antiguidade grega, como uma forma de combater a violência através da argumentação de ideias. Traz algumas contribuições de Peirce com sua semiótica e filosofia de caráter pragmatista, apresentando os caminhos vinculados à “gramática especulativa”, pela qual os conceitos semióticos contribuem para a reflexão das “retóricas comuns”, como é o caso dos textos comunicativos. E a “retórica especulativa”, alvo principal de Peirce, voltada para o desenvolvimento do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica; retórica; história da retórica; argumentação; retórica especulativa.

Introdução

Um caminho para refletir sobre a produção de textos jornalísticos é levando em conta a longa tradição da retórica, que vem desde, pelo menos, o que chegou até nós através da obra de autores que viveram antes da era cristã. Na Antiga Grécia, Aristóteles problematizou como um orador pode fazer com que seus argumentos sejam compreendidos de forma a convencer a audiência, em um sentido probabilístico voltado à persuasão. A semiótica peirceana – ciência dos signos – tem um caráter lógico, voltado para a compreensão do pensamento, mas se volta para a retórica justamente por tratar de signos, que são também o meio para a expressão desse pensamento. É a partir das ações dos signos que damos sentido para a nossa experiência e compreensão de mundo, de maneira a poder compartilhá-la e desenvolvê-la em conjunto com os demais seres. A semiótica de Charles Sanders Peirce (1839-1914) oferece instrumentos conceituais para renovar a retórica, assim como tem uma perspectiva diferenciada em relação à retórica.

É sempre importante ressaltar que, para a semiótica de Peirce, na sua concepção sinequista de continuidade, não há um caráter antropocêntrico quando se trata da

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Curso de Bacharelado em Jornalismo da UFPel, e-mail: ghermes@yahoo.com.

produção de sentidos. As ações dos signos ou semioses ocorrem entre todos os tipos de seres. Em relação à retórica, no entanto, por envolver uma intencionalidade comunicativa, pode-se falar de uma especificidade humana. Isto se configura como uma ação a ser avaliada na ordem ética, levando em conta a predisposição em relação aos outros seres humanos.

O autor Vincent Colapietro (2007) reconheceu, em seu artigo *Peirce's Rhetorical Turn*, que houve uma guinada em direção à retórica nas reflexões semióticas de Charles Sanders Peirce na sua produção intelectual mais recente. Em seus comentários, Alessandro Topa (2019) qualificou essa análise da obra peirceana como inovadora. Apesar da preocupação maior de Peirce seja o pensamento científico, este autor referencial reconheceu que há um viés retórico mesmo na ciência, associado à melhor compreensão do ser humano como um ser em comunicação, um ser em semiose, com propósitos, dentro de uma perspectiva em que se visa o conhecimento em uma relação constante com todos os demais seres, como é próprio da sua compreensão sinequista das ações sógnicas.

De acordo com a interpretação de Colapietro (2007), para Peirce, as questões retóricas não se dão prioritariamente como um ato de persuasão, como geralmente se tende a resumir objetivamente o propósito da retórica, e, sim, como um ato de identificação. Pode-se compreender neste posicionamento uma preocupação de ordem ética, que, ao mesmo tempo, reflete indiretamente o “espírito do tempo”, em que a questão da “cultura” ganha relevância em toda reflexão humanística.³ Além disso, isto contribui para compreender como Peirce localiza a retórica em relação ao desenvolvimento científico, sua maior preocupação.

Semioticamente, de acordo com a teoria peirceana, este ato de identificação se dá através de semioses que se encontram quando duas mentes compreendem determinados signos como capazes de produzir interpretantes semelhantes ou próximos. Pode ocorrer também quando há um propósito em comum. Na busca pelo conhecimento, o cientista deve ser capaz de encontrar os signos próprios para que um determinado fenômeno seja compreendido por seus pares ou por uma comunidade mais ampla. Através do seu pensamento, o cientista estabelece uma relação semiótica com o fenômeno em si, tendo

³ No texto “A retórica definida como um processo de identificação em uma abordagem semiótica” (HERMES, 2021), o autor deste artigo desenvolve uma reflexão sobre questões semióticas relacionadas a aspectos históricos, sociológicos e antropológicos.

aí uma preocupação de ordem científica, mas que é processada retoricamente de forma a se ajustar criticamente às suas experiências anteriores e da comunidade científica.

O conceito semiótico de “experiência colateral” corresponde em como as mentes produzem interpretantes a partir de sua própria trajetória semiótica. A diferença do cientista é que ele busca ter consciência de como as semioses o afetam, e, ao mesmo tempo, em como ele é capaz de produzir semioses através da experiência ou conhecimento acumulado. Do mesmo modo, retoricamente, ele deve ter a preocupação em ajustar os signos para difundir os resultados de sua pesquisa de forma a ser compreendido por seus pares e uma comunidade mais ampla.

Levando em conta as categorias fenomenológicas identificadas por Peirce⁴, o processo de identificação inerente à retórica está vinculado à Secundidade, que consiste na produção de semioses nas relações de alteridade em um determinado contexto. Ocorre nas relações entre um e outro, sendo que a existência de ambos ocorre de fato nesta relação em um certo espaço e tempo. O reconhecimento do outro como parte de um mesmo contexto de vida e de produção de sentido consiste a primeira etapa do processo de identificação retórica que pode ser compreendido semioticamente.

Aspectos históricos da retórica

De acordo com Nicola Abbagnano (2000), a retórica é considerada uma invenção dos sofistas na Antiga Grécia (século V a.C), sendo Górgias de Leontinos um dos seus fundadores. O autor sintetiza os principais aspectos históricos relativos ao desenvolvimento da retórica. Segundo ele, no diálogo *Górgias*, o filósofo Platão enfatiza que os sofistas não tinham um comprometimento com a comprovação de seus argumentos ou com convicções racionais. Suas habilidades estariam na capacidade de falar sobre qualquer assunto de forma persuasiva. Para Platão, quando pedagógica ou educativa, em conversações guiadas por meio de raciocínios, a retórica estaria exercendo o papel da própria filosofia. Desta forma, pode-se reconhecer a impossibilidade de uma retórica ética que não seja ao modo filosófico, mas também pode-se compreender, de maneira questionadora, uma dimensão retórica na própria filosofia e nas ciências, o que a semiótica peirceana nos permite considerar.

⁴ “As categorias [fenomenológicas] universais de Peirce são três: primeiridade, secundidade e terceiridade. Primeiridade é aquilo que é independente de algo a mais. Secundidade é aquilo que é relativo a algo a mais. Terceiridade é o que é mediado entre outros dois. Na opinião de Peirce, todas as concepções no nível mais fundamental podem ser reduzidas a estas três” (HOUSER, 1992, p.XXX).

Já Aristóteles, segundo Abbagnano (2000), estabeleceu para a compreensão da retórica um vínculo com a dialética, o que está por detrás da sua obra que chegou até nós, que é a referência mais antiga e citada sobre a retórica. Na perspectiva aristotélica, em uma concepção própria da dialética, na contraposição de premissas de caráter probabilístico, leva-se em conta os meios de persuasão para convencer sobre um ponto de vista. Há modos de levar em conta os argumentos capazes de persuadir e regras para o seu uso estratégico. Suas concepções, unidas ao exercício da filosofia, tiveram relevância pelo menos até o Renascimento, quando a perspectiva do racionalismo pouco a pouco a colocou em crise. “O dogmatismo racionalista iniciado por Descartes e adotado maciçamente no século XIX foi a maior causa da decadência da retórica” (ABBAGNANO, 2000, p.857). Também vale ressaltar, para se ter uma ideia da sua importância histórica, que, conforme Philippe Breton (2003), até o final do século XIX, a retórica foi o centro de todo o ensino.

Já com o abandono do dogmatismo racionalista e com o reconhecimento do aspecto probabilístico do conhecimento humano, é que surge a nova retórica no século XX, tendo como principal referência *O Tratado da Argumentação*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), cuja primeira edição é de 1958. Os autores introduzem sua obra afirmando que, durante três séculos, “o estudo dos meios de prova utilizados para obter a adesão foi completamente descurado pelos lógicos e teóricos do conhecimento”. Segundo eles, o “campo da argumentação é o do verossímil, do plausível, do provável, na medida em que este último escapa das certezas do cálculo” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.1).

A Nova Retórica se volta sobretudo para a argumentação. A palavra “argumentação” leva em conta a relação com o outro, ou seja, o ouvinte. E, nesse sentido, podemos verificar que a concepção de que a retórica se volta para processos de identificação é algo muito presente nas abordagens de autores especializados em questões retóricas, como também pode ser observado na obra de Kenneth Burke (1969).

O autor Philippe Breton (2003) registra que, ainda na Antiguidade Grega, no século V a.C., houve uma passagem dos discursos retóricos do contexto judiciário para o domínio político. Pode-se observar que, até hoje, confunde-se o papel do político com o do orador. Também no âmbito da política, pode-se perceber que a manipulação é parte mais obscura dos métodos retóricos. No processo de identificação, considerando uma determinada audiência, nem sempre o que se diz, é o que se pensa realmente. Segundo

Breton (2003), na primeira retórica, a mais antiga, o orador é mais um homem de poder do que um homem de ética e opinião.

Um ponto essencial da estratégia de argumentação – que está de acordo com ideia da retórica como forma de identificação - é a busca de um acordo prévio com o auditório, de forma a estabelecer também uma identificação com o ponto de vista defendido. Conforme Breton (2003), vista como uma situação de comunicação, o bom uso da argumentação implica, então, uma ruptura com a retórica clássica, caracterizada como a expressão do poder.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca, a “ideia de adesão e de espíritos aos quais se dirige o um discurso é essencial em todas as teorias antigas da retórica” É “em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.6).

Termos frequentes que aparecem nos textos sobre retórica são “orador” e “auditório” pressupondo uma relação presencial, face a face, que também considera um processo de identificação e um contexto físico de recepção, próprio da oratória. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), no entanto, optam por destinar questões desse âmbito, como a elocução e a mnemotécnica, para abordagens de ordem dramática. O principal aspecto que eles conservam da retórica tradicional é a ideia de “auditório”. “Todo discurso se dirige a um auditório, sendo muito frequente esquecer que se dá o mesmo com o texto escrito. [...] [A] ausência material de leitores pode levar o escritor a crer que está sozinho no mundo...” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.7). Os autores ressaltam que o texto está sempre condicionado a quem pretende dirigir-se.

Os autores da Nova Retórica entendem que cada orador cria uma imagem de si a partir da concepção que fazem do auditório “que busca conquistar para suas opiniões”. Cada “cultura, cada indivíduo tem sua própria concepção do auditório universal, e o estudo dessas variações seria muito instrutivo, pois nos faria conhecer o que os homens consideram, no decorrer da história, real, verdadeiro e objetivamente válido” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.37).

Breton (2003) explica que o texto argumentativo sempre envolve a defesa de uma opinião, o que é uma característica essencial tanto da argumentação, como da retórica. Esse aspecto remete às problematizações feitas em torno da objetividade, e das diferenças entre informação e opinião no campo do jornalismo (TRAQUINA, 2004). Considera-se, atualmente, que mesmo o texto informativo é permeado pela parcialidade, levando em

conta a atividade de seleção feita no processo da reportagem. A diferença do texto argumentativo estaria na intenção explícita e intencional da defesa de um ponto de vista. No entanto, um dos pontos mais importantes da ação retórica é o enquadramento ou o reenquadramento inicial da argumentação, que consiste em compartilhar uma visão comum da realidade de forma a convencer sobre um ponto de vista.

No âmbito das ciências, segundo Breton (2003), são exigidas demonstrações e a retórica não corresponde à validade universal relativa às definições matemáticas, por exemplo. Para esse autor, a argumentação nunca será universal – ao contrário da demonstração de um teorema matemático. Conforme Breton, resultados científicos se impõem e não envolvem opinião. E a argumentação não pode produzir conhecimentos novos. O autor, no entanto, reconhece que uma contradição é o fato das ciências serem colocadas em discussão, e, com isso, abre uma brecha para a contribuição de Peirce através das noções de falibilismo como uma característica de qualquer tipo de conhecimento e da abdução como uma forma de raciocínio.

Breton (2003) reconhece que a história da retórica está atravessada por procedimentos que visam “agradar” ou “emocionar”, que correspondem a formas de identificação de ordem sentimental. Há situações em que a sedução é dominante e noutras em que a argumentação predomina. O autor ressalta ainda que não há situações puras com frequência, o que leva também a discursos híbridos entre o teor argumentativo e emocional.

Ao contrário do que podemos observar em Peirce, Breton estabelece a diferenciação de que a retórica visa produzir convencimento em torno de opiniões, enquanto as ciências tratam de enunciados suscetíveis de serem demonstrados. A esta perspectiva positivista, pode-se contrapor a compreensão falibilista de Peirce sobre a ciência, que também permite outras aproximações à retórica.

O contexto de recepção pode ser problematizado pelas definições de “realidade social” e “identidade social” feitas no âmbito da sociologia (GIDDENS, 2012). Do ponto de vista da retórica, conforme Breton (2003), o que conta não são as pessoas, mas que suas ideias sejam partilhadas, o que pode ser pressuposto em um contexto amplo, compreendido na sociologia como “realidade social”. Mas, tendo em vista a defesa de uma opinião, o que pode ter como alvo a mudança de um ponto de vista, muitas vezes, o argumento é voltado para um auditório particular. De qualquer forma, está sempre em conta a intersecção entre os universos mentais.

Meio de evitar a violência

Segundo Philippe Breton (2003), a “argumentação” corresponde a uma ação humana que visa convencer, o que está muito presente na vida cotidiana. A obra desse autor é voltada para a descrição dos meios de argumentação, que visam “acionar um raciocínio em uma situação de comunicação” (BRETON, 2003, p.7). Essa maneira de agir corresponde a uma renúncia à violência, ressaltando o vínculo social partilhado.

Há que se considerar que há formas de violência disfarçadas de argumentação, que constituem retóricas questionáveis, como ocorre com a publicidade repetitiva ou a difusão massiva de mensagens pelas redes sociais de forma a coagir muitas pessoas. Breton (2003) enfatiza o aspecto argumentativo como o caráter mais ético da retórica, embora esta ciência, segundo este autor, não se volte para raciocínios puramente lógicos, mas que tenham a capacidade de convencer sujeitos capazes de estabelecer seus julgamentos próprios e de forma independente.

É importante observar que a falta de retórica e, especialmente da argumentação, é gritante no cotidiano social. Isso pode ser verificado diariamente nos relatos dos fatos nos telejornais com as notícias sobre a ausência de diálogo e a violência assustadora, por exemplo, com ações contra as comunidades indígenas, comunidades pobres, mulheres, contra a comunidade LGBTQIA+, e, especialmente, a recusa de certas personalidades políticas brasileiras a argumentar claramente sobre as suas ideias. O apelo à religião no âmbito político também é uma estratégia questionável, já que os valores religiosos não pressupõem a argumentação, mas apenas estabelecem identificação pela fé na ordem do sagrado.

Breton (2003), assim como Peirce, busca uma definição da retórica mais voltada para os seus aspectos éticos. Trata da argumentação como uma parte específica das ações retóricas, para a qual dá mais relevância justamente pela sua qualificação ética. No entanto, deve-se levar em conta que a ação de convencer o outro ou de persuadir pode apelar exclusivamente para as emoções, o que não corresponde à ação argumentativa.

Segundo Breton (2003), a retórica envolve a defesa de uma opinião. Está voltada para o ato de convencer, pode ser estabelecida através da manipulação, da propaganda, de sedução e, de argumentação, aspecto teórico que de fato lhe interessa por entender como um procedimento mais ético. A argumentação seria um meio para partilhar opiniões

que podem ter como consequência ações (BRETON, 2003, p.11), definição que vai em direção ao pragmatismo de Peirce.

Ao encontro das definições e reflexões de Peirce

É importante destacar que as questões éticas e científicas vão para além das retóricas. Nem todo ato de convencimento tem um caráter ético, e as consequências de uma ausência de um caráter ético na ação retórica tem consequências que vão para além dos processos de persuasão, identificação ou convencimento. Se a retórica pode estar relacionada ao âmbito lógico e científico, como propõe Peirce, ao elucidá-los semioticamente, ele não deixa de ter preocupações especiais tanto de ordem científica como ética.

As definições da retórica apresentadas nos levam a perceber como o texto inaugural do pragmatismo, “Como Tornar Claras as Nossas Ideias” (PEIRCE, 1993) está imbuído de um sentido retórico, embora não haja a preocupação de explicitar a produção de sentidos como uma ação intencional em relação à modificação do comportamento dos demais seres humanos, como é próprio da retórica.

Dentro da sua concepção falibilista do conhecimento, Peirce define que a “essência da crença é a criação de um hábito e diferentes tipos de crenças se distinguem pelos diferentes tipos de ação a que dão lugar” (PEIRCE, 1993, p.56). O autor enfatiza a importância das crenças em relação ao nosso comportamento, modo de agir ou modo de viver, e reconhece que “a ação do pensamento é excitada pela incitação da dúvida e cessa com o atingir a crença; e, assim, o chegar à crença é a função única do pensamento” (PEIRCE, 1993, p.53). No entanto, todas as crenças estabelecidas – que envolvem o surgimento de hábitos - estão sujeitas às dúvidas, que estimulam o desenvolvimento do pensamento.

A semiótica e o pragmatismo, ao lado da problematização das questões linguísticas ao longo do século XX, contribuíram para uma maior conscientização de como ações retóricas norteiam o nosso modo de pensar e de agir. Perelman e Olbrechts-Tyteca reconhecem esse aspecto como um dos papéis dos estudos retóricos. “Estamos firmemente convencidos de que as crenças mais sólidas são as que não só são admitidas sem prova, mas também, muito amiúde, nem sequer são explicitadas” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.8). Os autores também reconhecem, ao modo como é

defendido por Peirce, que há necessidade dos lógicos completarem a teoria da demonstração das ciências matemáticas com uma teoria da argumentação.⁵

Tudo que conhecemos estabelece-se como mediações, ou seja interpretantes (resultantes da relação triádica também com os signos e os objetos), que podem ser considerados crenças. No retorno aos objetos dinâmicos, aquilo que se quer conhecer melhor ou sobre o que se quer ser estabelecer semioticamente ou retoricamente um outro ponto de vista, pode-se produzir novos objetos imediatos (que são o aspecto do objeto dinâmico que o signo traz para a produção de crenças). Uma nova perspectiva sobre o objeto de conhecimento, de saber, ou de interesse pode produzir novas crenças em uma determinada audiência. Isso pode ter tanto um sentido meramente persuasivo, que pode dar lugar a concepções ilusórias interesseiras ou até mesmo fictícias, como também pode estar imbuído do espírito científico. O rico leque de conceitos da semiótica de Peirce pode nos ajudar a pensar uma diversidade de aspectos da retórica, seja nas suas práticas éticas, ou naquelas questionáveis do ponto de vista ético.

O falibilismo ocupa um lugar central na obra de Peirce. No texto autobiográfico “A Propósito do Autor”, ele reconhece que suas ideias estão reunidas nesta designação. Ele escreve: “sempre senti que minha filosofia brotasse de um contrito falibilismo, combinado com decidida fé na realidade do conhecimento, e de um intenso desejo de investigação” (PEIRCE, 1993, p.47). Abbagnano (2020) ressalta que o termo foi criado por Peirce, “para indicar a atitude do pesquisador que julga possível o erro a cada instante de sua pesquisa, e, portanto, procura melhorar os seus instrumentos de investigação e de verificação” (ABBAGNANO, 2000, p.426-427). O falibilismo explica o desenvolvimento do conhecimento pela continua sequência de crenças, hábitos e dúvidas.

A retórica pode ser compreendida como o ingrediente comunicativo que se insere no processo de desenvolvimento do saber, podendo contribuir tanto para o seu avanço como para o seu atraso. Mas, para além disso, se levarmos em conta o raciocínio do tipo abdução, definido por Peirce como o responsável pela geração de novas ideias, o caráter probabilístico, característico da retórica, pode ser considerado como uma importante contribuição ao desenvolvimento do conhecimento.

⁵ Vale ressaltar que, entre as numerosas referências de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), infelizmente falta o nome de Charles Sanders Peirce.

“Retórica comum” e “Retórica Especulativa”

No seu artigo *“The general secret of rendering signs effective:” on the Aristotelian roots of Peirce’s conception of rhetoric as dynamis, téchne and semeiotic form of the summum bonum*, o autor Alessandro Topa (2019) cita o breve artigo de Peirce (1998) *“Ideas, Stray or Stolen, about Scientific Writing”*, escrito originalmente em 1904, mas que vem sendo estudado e interpretado por vários pesquisadores. O autor estabelece um foco nos diferentes usos de Peirce dos termos “arte universal da retórica”, “retórica comum” e “retórica especulativa”. O primeiro, segundo Topa, corresponde à potencialidade da retórica, o segundo, a como a retórica vem sendo definida e praticada ao longo da história, e o terceiro, como uma definição de leis semióticas nas ciências normativas.

No texto referenciado, Peirce define a retórica especulativa ao modo pragmatista, levando em conta que as ideias correspondem à compreensão do mundo em que vivemos e nossas formas de ação sobre este contexto de vida: “a ciência das condições essenciais sob as quais um signo pode determinar um signo interpretante de si mesmo e de tudo o que ele significa, ou pode, como signo, produzir um resultado físico” (PEIRCE, 1998, p.326). Embora com um teor pragmatista, a intenção é elevar a retórica ao seu caráter mais abstrato e menos instrumental.

A “retórica comum”, de acordo com a interpretação de Topa (2019), levando em conta referências de Gabriele Gava, corresponderia aos usos dos signos em diferentes contextos, como ocorre, entre muitos outros, nos âmbitos jornalístico e cinematográfico. Faz parte de uma concepção de uma semiose comunicativa, em que os eventos correspondem a determinadas estruturas de relações semióticas, que são estudadas na gramática especulativa definida por Peirce, como “uma subdisciplina da semiótica lógica normativa” (TOPA, 2019, p. 414). Os “conceitos que refletem as relações necessárias desta relação (signo, objeto, interpretante) devem ser considerados como aspectos necessários especificáveis para cada desempenho de semiose comunicativa” (TOPA, 2019, p. 414). Haveria necessariamente um meio de comunicação, um contexto midiático e um sistema de signos interpretativo.

Dentro da arquitetura filosófica de Peirce, conforme Santaella (2003), há três partes principais, a Fenomenologia, as Ciências Normativas e a Metafísica. As ciências normativas são a Estética, a Ética e a Semiótica ou Lógica. A parte mais conhecida da

filosofia peirceana é a Semiótica ou Lógica, que divide-se em Gramática Pura ou Especulativa, Lógica Crítica, e Retórica Pura ou Especulativa.

Conforme Nathan Houser, editor da coletânea *The Essential Peirce*, a gramática especulativa é um ramo da semiótica que investiga as representações (signos e semioses), e procura elaborar as condições necessárias e suficientes para representar e classificar os diferentes tipos de semioses possíveis. Houser nota que a gramática especulativa frequentemente é apresentada como se fosse toda a semiótica peirceana, porque nela são descritas os diferentes tipos de signos e de tricotomias. Os outros dois ramos da semiótica são a “crítica”, que é a parte da lógica que estuda as partes constituintes dos argumentos e produz uma classificação de argumentos, partindo de pressupostos de que toda afirmação é verdadeira ou falsa. Neste ramo, conforme Houser, são importantes os tipos de raciocínios ou lógicas estudados e redefinidos por Peirce: abdução, indução e dedução. O terceiro ramo é a retórica especulativa. É “o estudo das condições necessárias de transmissão do significado por signos de mente a mente, e de um estado mental para outro” (PEIRCE in HOUSER, 1992, p. XXXVIII).

Desta forma, as frequentes análises semióticas de textos comunicativos correspondem à gramática especulativa, tendo a ter proximidade com a análise do discurso no âmbito da comunicação. Uma das diferenças semióticas em relação à análise do discurso, que corresponde à retórica, seria também a possibilidade de propiciar a elaboração de semioses com determinados propósitos ou textos com a intenção de convencer.

O autor Alessandro Topa (2019) enfatiza que a “retórica comum” corresponde às formas especializadas de retórica, mas que não podem ser unificadas, correspondendo o termo singular, somente, de maneira generalizada, às manifestações práticas da tradição retórica. Segundo Topa, Peirce aborda a “retórica comum” como uma manifestação única, pressupondo a falta da autorreflexão inerente a todas as suas manifestações. Desta forma, a retórica especulativa, como de fato uma ciência única, vem a ser uma contribuição para uma retórica refletida, para além dos instrumentais práticos.

Citando Gabriele Gava, Topa (2019) menciona que, para Peirce, a retórica está relacionada à efetividade dos signos e sua capacidade de dar origem a processos de interpretação e outros tipos de efeitos. No caso da retórica aristotélica, a retórica seria uma ciência prática, resultado de uma investigação sobre como a argumentação pode ocorrer ou deve ser feita da melhor forma. A medição de duas tendências opostas “alcança

os outros e, assim, visa uma inteligibilidade alicerçada na generalidade, ao mesmo tempo que é radicalmente individual, vivendo na carne do orador” (TOPA, 2019, p.422). A ação retórica constitui-se, primeiramente, da generalidade que temos em comum compartilhada pela linguagem. Na sequência, essa generalidade é aplicada na sua relevância específica, relativa a cada coisa em um contexto específico.

Apesar de Topa (2019) não mencionar os tipos de signos definidos por Peirce, percebe-se claramente a relação estabelecida entre *legi-signos*, que corresponde a ideias mais generalizadas, e a *sin-signos*, que podem ser compreendidos como a atualização destas ideias em contextos específicos. Também pode-se mencionar os *quali-signos*, relativos à potencialidade das novas ideias expressas em raciocínios abduativos.

Os aspectos icônico e indicial, que a teoria semiótica permite analisar, também podem abrir perspectivas para a compreensão de aspectos emocionais relativos às ações retóricas, embora, segundo Breton (2003), esses aspectos possam fugir de processos argumentativos e dar lugar às manifestações retóricas eticamente questionáveis. Na perspectiva peirceana, não há como ignorar nas semioses de caráter científico também esses aspectos relativos às categorias fenomenológicas da primeiridade e da secundidade, embora sujeitos ao falibilismo.

Considerações

A retórica especulativa de Peirce tem um caráter essencialmente teórico e permite uma aproximação da retórica às ciências, ao contrário do que define Breton. Já a gramática especulativa, definida por Peirce, permite aproximações e contribuições às reflexões retóricas que podem ser bastante significativas no âmbito da comunicação. No jornalismo, as ações de enquadramento são as mais significativas e podem ser analisadas semioticamente.

Deve-se levar em conta, no momento crítico em que vivemos hoje, que há uma recusa deliberada em certas correntes estabelecidas nas redes sociais de exercer a obrigação ética inerente ao discurso argumentativo como uma forma de exercer plenamente a cidadania. A semiótica e a retórica são permeadas pelo caráter ético inerente à condição humana, caracterizada pelo exercício da liberdade humana, mas de forma a garantir as condições desta liberdade.

A importância de estudar a retórica está no fato de que a nossa concepção de mundo está vinculada ao modo como compartilhamos significados e, numa perspectiva

peirceana, a como somos convencidos a manter ou modificar determinadas crenças, que também nos levam a modos de pensar, e, conseqüentemente, maneiras de agir.

Por um lado, a semiótica obviamente tem uma significativa perspectiva retórica e o caráter pragmatista da filosofia de Peirce não pode prescindir de reflexões sobre as questões retóricas. De outro lado, a retórica também não pode ignorar as contribuições da semiótica peirceana, e uma retórica renovada pode ser desenvolvida nesta perspectiva.

O objetivo da retórica é estabelecer a concordância em torno de determinadas ideias de forma a propiciar uma ação ou agir coletivo. Apesar da proximidade com a lógica, estabelecida sobretudo por seu aspecto argumentativo, como ressalta Breton (2003), a retórica tem como intuito sobretudo o caráter político, que pode ser compreendido como a predisposição de uma determinada comunidade de seres humanos a agir em uma determinada direção, a partir de um conjunto de crenças definida e cultivada em comum acordo, através de atos comunicativos.

Cada sujeito é afetado e afeta os demais por ações retóricas, convencido e predisposto a convencer através de atos comunicativos, que podem ser compreendidos semioticamente como ações sígnicas. A partir do ponto de vista do indivíduo em relação ao seu auditório, seus prováveis leitores ou ouvintes, é que se pode abordar a “identificação” em uma abordagem retórica.

A retórica só pode ter relevância científica se pensada em uma perspectiva ética. E o reconhecimento do seu valor científico consiste em evidenciar o papel que as ações retóricas têm em relação não só às ações cotidianas, como é próprio das “retóricas comuns”, mas também em relação ao próprio conhecimento, como manifesta Peirce através da sua concepção da retórica especulativa.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BURKE, Kenneth. **A Rhetoric of Motives**. Los Angeles: University of California Press, 1969.
- BRETON, Philippe. **A Argumentação na Comunicação**. Bauru (SP): Edusc, 2003.
- COLAPIETRO, Vincent. M. C. S. Peirce’s Rhetorical Turn. **Transactions of the Charles S. Peirce Society**, Bloomington (Indiana), v. 43, n.1, p. 16-52, 2007.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Penso, 2012.

HERMES, Gilmar. A retórica definida como um processo de identificação em uma abordagem semiótica. **Passagens**, v. 12, n. 1, p. 207-228, 31 jul. 2021.

HOUSER, Nathan. Introduction. In: HOUSER, Nathan; KLOSEL. **The Essential Peirce: selected philosophical writings**. Bloomington: Indiana University Press, 1992, p. XIX-XLI.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia: Textos Escolhidos de Charles Sanders Peirce**. São Paulo: Cultrix, 1993.

PEIRCE, Charles Sanders. Ideas, Stray or Stolen, about Scientific Writing. In: PEIRCE Edition Project: **The Essential Peirce**. Bloomington: Indiana University Press, 1998, p.325-330.

PERELMAN, Chaïn; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: A Nova Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

TOPA, Alessandro. “The general secret of rendering signs effective”: on the Aristotelian roots of Peirce’s conception of rhetoric as a dynamis, téchne and semeiotic form of the summum bonum. **Cogitio**, São Paulo, v.20, n.2, p. 404-428, jul/dez, 2019.

TRAQUINA. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.